



QUESTÃO INDÍGENA / No Acampamento Terra Livre, novas lideranças começam a se formar e têm como principais aliadas a tecnologia e as redes sociais — que amplificam as reivindicações

Jovens assumem as lutas dos ancestrais

» VINICIUS DORIA

Grande aldeia que abriga mais de 180 povos indígenas de todas as regiões do país, instalada no coração de Brasília, pulsa na batida dos tambores e no chacoalhar dos maracás. Cantos de guerra e de paz ecoam pelas centenas de barracas espalhadas no Eixo Monumental, onde mais de 7 mil pessoas transitam sem parar entre uma reunião e outra, em uma rotina que começa de madrugada e entra pela noite, em apresentações culturais e festas de confraternização. No Acampamento Terra Livre, o maior encontro anual de povos indígenas do país, lideranças discutem os problemas das comunidades em uma grande rede colaborativa. Mas quem amplifica os anseios e preocupações de suas etnias são os jovens.

Imagens que ganham o mundo são captadas pelas lentes de modernos telefones celulares e equipamentos semiprofissionais, pilotados pela nova geração de indígenas que, em poucos anos, estará à frente das mobilizações por melhores condições de vida e na defesa do meio ambiente e das tradições ancestrais. Os caciques estimulam a presença dos jovens no acampamento, que faz parte da formação de novas lideranças.

“Quando se chega aqui, a gente sai da bolha. Passa a conhecer outras etnias e, sobretudo, entender que nosso desafio é o mesmo — só muda de cidade e de estado”, disse o cacique Wilson Jaguaretê, tupinikim do Espírito Santo.

A missão é árdua e começa cedo. Cada povo tem sua própria equipe de produção, que pode ter equipamentos sofisticados ou apenas um telefone celular. Tudo é gravado, registrado, editado e compartilhado nas redes sociais. A tecnologia é a janela para que os indígenas possam contar sua história, sem intermediários.

Andar entre as barracas é uma experiência sensorial. Cores, cheiros, sabores e sons se misturam, assim como a forma de se comunicar — são mais de 100 línguas diferentes representadas só nesta edição do Terra Livre. A estrutura do acampamento foi montada por colaboradores e organizações não governamentais.

Na cozinha, postas de peixe e



Quando se chega aqui (ao Acampamento Terra Livre), a gente sai da bolha. Passa a conhecer outras etnias e, sobretudo, entender que nosso desafio é o mesmo — só muda de cidade e de estado”

Wilson Jaguaretê,
cacique tupinikim
do Espírito Santo

generosas porções de pirão são o carro-chefe do almoço. Há atendimento médico — que inclui conhecimentos e técnicas tradicionais —, banheiros químicos, chuveiros e coleta regular de lixo.

As comunidades também trouxeram à capital muito artesanato. Cocares, colares, pulseiras, cachimbos, esculturas em madeira, remos, miniaturas de canoas, apitos que imitam o som dos pássaros, tudo está exposto nas barracas. O dinheiro arrecadado ajuda a manter cada delegação. Um cocar, por exemplo pode custar de R\$ 100 a R\$ 1 mil, dependendo da quantidade de penas e do trabalho que deu para fazer.

Meninos e meninas se ajudam na hora de pintar rostos e corpos com tinta de jenipapo e de urucum. Há orgulho em usar cores e adereços das comunidades. Quando não estão participando de rodas de conversa e debates sobre os problemas que os afligem, se juntam para tocar instrumentos tradicionais e cantar. A curiosidade em torno dos “parentes” de lugares distantes é fator de atração. Entre os indígenas, todos são filhos da mesma terra.

“A experiência é muito boa, aqui no ritual ou na hora de trocar ideias. Nunca tinha vindo a Brasília, mas está sendo muito legal”, diz Tarruí Pataxó. A amiga Terená, pela segunda vez no acampamento, concorda. “É

Fotos: Ed Alves/CB/D.A Press



O Terra Livre é, também, um espaço de tecnologia. As redes sociais aumentam a força das reivindicações



A nova geração faz questão de registrar os momentos e os ensinamentos assimilados no acampamento

muito bom levar novas experiências para minha aldeia. As etnias são diferentes, mas a realidade é a mesma”, frisa.

O cacique caiapó Patkore Mekragnoti, do Mato Grosso do Sul, trouxe a Brasília 45 membros de sua comunidade. Ele está convicto da importância de trazer a nova geração. “Temos que mostrar nossa cultura, nossa fala, nossa música. Quando a gente se

encontra, mostra nossa força. Esse acampamento é muito importante para proteger nossa terra, é importante para dizer que garimpeiro não pode entrar nelas”, adverte.

Encontro com Lula

Hoje, os indígenas sairão, juntos, em passeata até a Praça dos Três Poderes. As lideranças estarão com o presidente Luiz Inácio

Lula da Silva, que receberá uma carta com 25 reivindicações dos povos originários. Além da luta por demarcação de terras e proteção contra invasores, a pauta deste ano inclui a pressão contra o Marco Temporal, aprovado pelo Congresso, mas questionado no Supremo Tribunal Federal. (Colaborou Victor Correia)

» LEIA MAIS na página 21

VETO À REPARAÇÃO

Marinha contra elevar João Cândido a herói da Pátria

A Marinha manteve, ontem, a posição histórica de considerar João Cândido Felisberto — o Almirante Negro — um amotinado que não merece ser tratado como herói da Pátria, como propõe um projeto de lei que tramita na Comissão de Cultura da Câmara dos Deputados, desde 2019. Ele ficou conhecido por liderar, em 1910, um motim contra os castigos físicos impostos pelos oficiais a marinheiros e militares de baixo escalão — episódio que ficou conhecido como Revolta da Chibata. Em carta ao presidente do colegiado, deputado Aliel Machado (PV-PR), o comandante da Marinha, almirante Marcos Olsen, classificou o levante no início do século passado como uma infâmia, um “fato opróbrio”.

Para a Marinha, o “estopim” da insurgência “se deu pela atuação

violenta de abjetos marinheiros que, fendendo hierarquia e disciplina, utilizaram equipamentos militares para chantagear a nação, disparando, a esmo, os canhões de grosso calibre dos apoderados encouraçados (os mais destrutivos navios de guerra da época) contra a então Capital Federal (Rio de Janeiro) e uma população indefesa, ceifando a vida de duas crianças, atingidas no Morro do Castelo”.

A Armada, porém, reconhece que os castigos físicos aos quais os marinheiros eram submetidos foram uma “prática inaceitável e absolutamente incompatível”. Mas, para Olsen, há “notável diferença entre reconhecer um erro e enaltecer um heroísmo infundado”.

Mais de 100 anos depois da revolta, Cândido continua sendo tratado pela Marinha como um

“reprovável exemplo de conduta para o povo brasileiro”, “que nada contribuirá ao pleno estabelecimento e manutenção do verdadeiro Estado Democrático de Direito”, registrou Olsen.

O projeto conta com parecer favorável da deputada Benedita Silva (PT-RJ), mas não tem consenso na comissão. O escritor João do Rio, que escrevia na extinto jornal *Gazeta de Notícias*, apelidou Cândido de “Almirante Negro” — que foi preso e desligado da Força. Ele morreu em 1969, aos 89 anos, e tornou-se personagem da canção *Mestre Sala dos Mares*, de João Bosco e Aldir Blanc.

Em 2008, quase um século depois da Revolta da Chibata, Cândido foi anistiado post mortem pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva. (VD)

Pedro França/Agência Senado



Segundo Olsen, Almirante Negro é um “reprovável exemplo de conduta”

SOCIEDADE

Estudo aponta menos pobreza e miséria

» MAYARA SOUTO

A pobreza e a miséria no Brasil chegaram ao menor patamar em mais de uma década. A constatação é do Instituto Jones dos Santos Neves (IJSN), do Ceará. De acordo com o levantamento, em 2023 o país tinha aproximadamente 59 milhões de brasileiros vivendo abaixo da linha da pobreza — de renda familiar per capita de até meio salário mínimo — e outros 9 milhões abaixo da linha da extrema pobreza — renda da família de até R\$ 218.

Na comparação entre 2022 e 2023, a taxa de pobreza do Brasil caiu de 31,6% para 27,5%, o menor percentual desde 2012. Em números absolutos, isso significa 8,5 milhões de indivíduos a menos nessa situação.

Em relação à miséria — quem está abaixo da linha da extrema pobreza —, houve uma redução de 5,9% para 4,4%, entre 2022 e 2023, também o menor percentual em 11 anos. Isso significa que mais de três milhões de indivíduos deixaram o estrato social mais baixo do Brasil no último ano.

O estudo foi publicado em 19 de abril, mas, ontem, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva impulsionou sua divulgação no X (antigo Twitter). “Começando mais um dia de trabalho com notícia boa. Menor taxa de pobreza da série histórica”, publicou. O ministro do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, Wellington Dias, engajou-SE na divulgação. “Por aqui vamos seguir trabalhando para diminuir, cada vez mais, a pobreza e combater a fome!”, escreveu, na mesma rede.

Crianças são maioria

Outro levantamento, este realizado pelo Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome e pela Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, apontou que mais de 50% das crianças entre zero e seis anos estão em famílias de baixa renda. As duas pesquisas sobre a pobreza também foram divulgadas ontem.

São 10 milhões de crianças nessa faixa etária, que estão em famílias com renda per capita de até meio salário mínimo — R\$ 706. O estudo, que tomou por base dados do Cadastro Único (CadÚnico), apontou que a situação só não está pior devido à existência de programas de transferência de renda, como o Bolsa Família.

Cerca de 81% (8,1 milhões) das crianças estariam em situação de pobreza ou de extrema pobreza (com renda mensal familiar per capita de até R\$ 218) caso não houvesse o Bolsa Família. Com o benefício, o número se reduz para 6,7%.

O estudo ainda salienta que três a cada quatro famílias com crianças na primeira infância são chefiadas por mães-solo, em sua maioria pardas e com idade entre 25 e 34 anos. Do total das famílias, 43% não têm qualquer fonte de renda e, para 83%, o Bolsa Família é a principal fonte de sustento.

Ainda de acordo com o levantamento, pouco mais de 1,2 milhão de crianças na faixa do Cadastro Único pertencem a grupos populacionais tradicionais e específicos. Dessas, quase 41 mil são menores migrantes, enquanto que cerca de 6,4 mil são expostas ao trabalho infantil.